

Vozes da mídia, vozes na mídia: uma análise a partir do conceito de polifonia de Mikhail Bakhtin

Voices from the media, voices in the media: an analysis based on Mikhail Bakhtin's concept of polyphony

Fábio Luiz de Castro Dias

Graduando em Letras pela Universidade Federal de Lavras (UFLA); Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica subsidiado pela mesma instituição (PIBIC/UFLA); Membro do Grupo de Estudos Discursivos sobre o Círculo de Bakhtin (GEDISC-UFLA).

E-mail: fabiolcd@outlook.com

Marco Antonio Villarta-Neder

Professor orientador; Departamento de Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Lavras (DEL-UFLA).

E-mail: villarta.marco@del.ufla.br

Resumo: O presente artigo, resultado de um projeto de iniciação científica, possui como escopo precípuo a discussão decorrente da análise de um *corpus* composto por variado material de revistas e de jornais de suporte digital – de natureza verbal – com a finalidade de verificar como os lugares sociais e as posições ideológicas da mídia brasileira constituem-se a partir das vozes que representam, sejam suas, sejam de outros. Para fazê-lo, fundamentamos no referencial teórico-epistemológico de Mikhail Bakhtin [1895-1975], filósofo russo, e do Círculo de Bakhtin, atribuindo centralidade ao conceito de *polifonia*. Dado o exposto, direcionamo-nos à compreensão de como se dá a relação entre as vozes e os lugares sociais representados pelos meios analisados, a partir dos espaços nos quais se constituem, fazem atribuições axiológicas e constroem sentido a dado objeto discursivo, a si e ao seu outro. Entendemos que a relevância de nossa pesquisa situa-se no seu caráter analítico e especulativo de produções verbais jornalísticas cuja circulação se dá em ambiente virtual, o que potencializa a sua difusão e dispersão. Ainda, compreendemos que, ao fazê-lo, abrem-se a nós meios de análise das posições enunciativo-ideológicas nas quais os diversos meios jornalístico-midiáticos se constituem em relação dialógica (conflituosa) e interativa.

Palavras-chave: Discurso. Mídia. Polifonia. Vozes.

Abstract: This paper, main result of a basic scientific research project, has as its main scope the discussion arisen from the analysis of a *corpus* composed of digital and written content from magazines and newspapers, in order to verify how the social places and ideological positions of the Brazilian media are constituted from the voices they represent, whether their or from others. To do so, we base our research on the Mikhail Bakhtin's theoretical-epistemological framework [1895-1975], Russian philosopher, and Bakhtin's Circle, attributing centrality to the concept of *polyphony*. Therefore, we are directed to the understanding of how the relationship between the voices and the social places represented by the analyzed media - and from the spaces in which they are constituted- make axiological attributions and construct meaning to a given discursive object, to itself and to the other. We assume that the relevance of our research lies in its analytical and speculative analysis of verbal journalistic productions whose circulation takes place in a virtual environment, which potentiates its diffusion and dispersion.

Furthermore, this work intends to develop ways of verifying the enunciative-ideological positions in which the various journalistic-mediatic means are constituted in a dialogical (conflictual) and interactive relation.

Keywords: Discourse. Media. Polyphony. Voices.

1 Considerações primeiras

O discurso é constitutivo do *ser-no-mundo* que ocupa uma determinada posição, isto é, do sujeito. Produção inelutável e condição imprescindível de concretização do processo de interação – ou seja, da linguagem em uso pelos sujeitos – torna-se fundamento precípua das relações entre os seres humanos, de mediação entre os sujeitos consigo mesmos e com o mundo, pela sua constituição ideológica. O discurso¹ é construção e produção de sentido entre interlocutores, sujeitos do discurso, que interagem, que se constituem, ambos, nas e pelas relações dialógico-ideológicas, em condições e em situações históricas e sociais. Ou, ainda, nas palavras de Santos (2013, p. 209) sobre Pêcheux, “o discurso é, então, entendido como um efeito de sentidos dentro da relação entre linguagem e ideologia”. Podemos dizer, nas palavras de Villarta-Neder (2010, p. 16), que é necessário

entender que esses interlocutores, ao interagirem, produzem sentidos. Ou seja: cada coisa que um diz (ou deixa de dizer) vai ser interpretada pelo outro interlocutor. Assim como estar ouvindo ou não, lendo ou não, esperando ou não uma resposta. Nada escapa de ser interpretado.

Contudo, não devemos confundir-lo, por mais dialógico que seja, com o diálogo. O discurso, podemos considerar, é a expressão material – e, portanto, semiótica – de uma dada posição ideológica de um sujeito, acerca de certo objeto, ao seu outro, em condições espaço-temporais específicas (históricas), em uma situação sociocultural na qual o sentido produzido é determinado pelo modo como ambos se veem reciprocamente e como compreendem a situação que os engloba e os constitui. Ou seja,

¹ O conceito de *discurso*, fundamentado nas discussões linguisticamente filosóficas do Círculo de Bakhtin, constrói-se a partir do conceito de *metalinguística* ou *translinguística*, elaborado por Bakhtin, disciplina cujos pressupostos axiológico-epistemológicos se constituem a partir de uma análise *viva* dos fenômenos linguísticos. Em *Problemas da poética de Dostoiévski* (2013, p. 207), Bakhtin caracteriza o discurso como “[...] a língua em sua integridade concreta e viva [...]”. Brait (2016, p. 10) ainda afirma: “sem querer (e sem poder) estabelecer uma definição fechada do que seria essa análise/teoria dialógica do discurso, uma vez que esse fechamento significaria uma contradição em relação aos termos que a postulam, é possível explicar seu embasamento constitutivo, ou seja, a indissolúvel relação existente entre língua, linguagem, história e sujeitos que instaura os estudos da linguagem como lugares de produção de conhecimento de forma comprometida, responsável, e não apenas como procedimento submetido a teorias e metodologias dominantes em determinadas épocas”. Portanto, preferiu-se, aqui, uma articulação epistemológica entre uma conceituação de discurso entre Bakhtin e Pêcheux, já que compreendemos que se estabelece, entre ambos, uma relativa relação dialógica de complementação/concordância.

por meio de enunciados concretos², fala-se de si, do mundo, dos objetos e dos outros, sendo a enunciação o meio concreto através do qual se revela o posicionamento ideológico constitutivo do sujeito. O discurso, portanto, e assim o entendemos a partir de um diálogo possível entre Bakhtin e Pêcheux, torna-se todo e qualquer enunciado, vinculado à realidade da vida, oral ou escrito, indispensável produção de sentido (ideologicamente constituído) e construção dialógica das relações interacionais.

Podemos compreender, de igual maneira, por meio da análise das características do ato discursivo, que, ao referir-se a certo conteúdo semântico-objetual a partir do posicionamento ideológico – vinculado a uma situação imediata ou mediata, às condições sociais, culturais e históricas mais amplas – o discurso, sem desconsiderar a sua constituição estrutural-formal (construção composicional), revela-se como um acontecimento³ singular e uniorrente. Em outras palavras, o discurso constitui-se

² O conceito de *enunciado* (высказывание – *vyskazyvanie*), ou *enunciado concreto*, para o Círculo de Bakhtin, difere-se da aceção que lhe é conferida em outras áreas do saber (principalmente, em alguns ramos da linguística). Comumente, toma-se enunciado (produto) em oposição à *enunciação* (processo). Entretanto, para os pensadores do Círculo, enunciado abarca tanto o ato e o processo de enunciar (complexo formado pelas articulações arquitetônicas extraverbais – sujeitos, situações históricas e sociais, mediatas e amplas, condições espaço-temporais etc.) quanto o produto materialmente semiótico e relativamente estável, isto é, o enunciado. Ambas as faces do enunciado articulam-se em seu intrínseco, formando uma unidade axiológico-semântica intrincada. Silva (2013, p. 49) diz que, “no pensamento bakhtiniano, essa distinção não é posta, pois um dos conceitos fundamentais da teoria é o de enunciado concreto, que é um todo formado pela parte material (verbal ou visual) e pelos contextos de produção, circulação e recepção”. No *Glossário de Marxismo e filosofia da linguagem* (2017, p. 357, grifo nosso), Grillo e Américo complementam-nos ao dizer que o enunciado “é um elo da cadeia da comunicação discursiva e um elemento indissociável das diversas esferas ideológicas (literária, científica etc.). O enunciado *sempre responde a algo e orienta-se para uma resposta*”. Vemos, claramente, o aspecto constitutivamente dialógico e processual do enunciado no e para o Círculo de Bakhtin, que o difere sobremaneira de outras conceituações. Portanto, compreendemos o enunciado como um *enunciando*, que abarca, simultaneamente, o ato, o processo e o material semiótico. Bubnova (2011, p. 271-270), em um de seus artigos, ainda ressalta que “a mesma palavra *enunciado*, que na comunicação discursiva é a unidade mínima do sentido (que pode ser respondida), em sua versão russa está ligada ao falar, articular, argumentar; em uma palavra, trata-se de dar voz a alguém, tanto em seu processo como em seu resultado: *vyskazyvanie*. O enunciado é, desta forma, a metáfora da oralidade codificada por escrito, é uma unidade mínima de sentido que pode ser respondida no processo da comunicação dialógica”.

³ Embora a noção de *acontecimento* seja mais conhecida a partir de um referencial pecheutiano, esse conceito encontra-se presente em traduções de obras de Bakhtin para o português, principalmente em *Para uma filosofia do ato responsável* (2010), em que consta uma formulação particularmente importante, que é a de *unidade do acontecimento*. Essa tradução é plausível, inclusive para o uso cotidiano da palavra russa событие (*sabytie*), que é traduzida como *acontecimento* ou *evento*. Villarta-Neder (2018, p. 12) afirma que, “embora de difícil tradução, o termo russo empregado por Bakhtin sempre alude a um processo e a um ato que posiciona o sujeito em relação ao mundo que este percebe e no interior do qual se percebe na relação com outros sujeitos”. Aqui, *acontecimento* distingue-se de *fato*. O primeiro caracteriza-se por ser processual, levando em consideração a sua proximidade com os sujeitos que o constroem axiológica e semanticamente. O segundo, cunhado em formas positivistas, incoerente com o

como um ato responsável e consciente sobre o mundo, situado histórica e socialmente, o que, conseqüentemente, transforma-o e o movimenta em sua constituição axiológico-semântica.

É possível assumir que, mesmo sendo um acontecimento único e irreduzivelmente uniocorrente, todo e qualquer discurso seja dialógico em maior ou em menor grau, em escalas temporais imensuráveis. Ponzio, Calefato e Petrilli (2007) afirmam que a dialogicidade apresenta-se como um fenômeno constituinte e penetrante desde a base materialmente semiótica de um enunciado, isto é, encontra-se determinando não somente as relações extraenunciativas e interenunciativas, mas também as intraenunciativas, aquelas que se estabelecem entre os constituintes materialmente linguísticos ou semióticos, entre as unidades que se articulam no processo de construção composicional e entre os elementos formadores da relativa estabilidade do conteúdo proposicional. Os autores, sobre o dialogismo, afirmam-nos que ocorre

porque é produzido em relação, quer pela forma (gênero de discurso, gênero literário, estilo, organização sintática), quer pelo conteúdo, com outros textos, que ele resgata, imitando-os, manipulando-os, aceitando-os, reportando-os, conformando-se a eles, ou então distanciando-se deles. (p. 203)

E, também,

porque um texto verbal é organizado não só segundo relações lógico-sintáticas entre enunciações, mas também relações dialógicas entre elas, quer se trate das enunciações explicitamente presentes no texto, quer das subentendidas, coisa que ele previne enquanto possíveis objeções, possíveis pedidos de esclarecimento, de explicação, etc. (idem)

Portanto, podemos afirmar a existência de dois dialogismos do e no discurso/enunciado: um interno, entre os seus constituintes composicionais, estruturais, formais e lógicos; e um externo, entre as diversas e concretas produções discursivas, isto é, os enunciados, seja pela sua forma, seja pelo seu conteúdo semântico-objetal. Assim, a assertiva de Ponzio, Calefato e Petrilli corrobora com e vai ao encontro de outra de Mikhail Bakhtin, que se encontra em *Problemas da poética de Dostoiévski*, segundo a qual “toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de

posicionamento epistemológico do Círculo de Bakhtin, caracteriza-se como um *dado* acabado cuja constituição semântica é dada, esférica e plena, não se abrindo à possibilidade de construção axiológico-semântica dos sujeitos. Em *Atividade e evento*, Sobral (2016, p. 26) assevera que o “evento, conceito que perpassa o tempo inteiro o texto sobre a filosofia do ato, pode ser definido como o processo de irrupção de entidades, ou objetos, no plano histórico concreto (*geschichtlich*), como a presentificação, ou a apresentação, dos seres à consciência viva, isto é, situada no concreto”. Ainda em suas palavras, o evento pode ser compreendido como “[...] um ato abarcador que inclui os vários atos da atividade do homem ao longo desse diálogo permanente que é a vida, marcado por dois grandes tão expressivos “silêncios”, o nascer e o morrer [...]” (p. 27).

emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.), está impregnada de relações dialógicas” (p. 209).

Dada a sua natureza social como ato e acontecimento dialógico, segundo as suas práticas usuais e funcionais, o discurso, portanto, só é possível entre sujeitos socialmente organizados, independentemente do grau de complexidade de sua organização. Em nossa sociedade, formada por uma comunidade linguístico-discursiva intrincada, vem surgindo uma série de novos fenômenos discursivos, entre os quais se encontram aqueles que se referem ao discurso da mídia e, em especial, de jornais e de revistas de longo alcance e de rápida dispersão.

O entendimento de que esses veículos midiáticos, desde há muito, são meios eminentes de formação e de informação leva-nos ao questionamento da já muito proferida imparcialidade inerente ao âmbito jornalístico. Compreendendo o discurso como dialogicamente constituído e estabelecido por meio do processo de interação entre as diversas vozes, que estão em constante conflito dialógico, na relação interacional entre os sujeitos, sentimo-nos motivados e impelidos à análise do comportamento das relações entre as vozes dos meios midiáticos brasileiros e aquelas que os constituem em relação a um dado objeto discursivo: o projeto de lei *Escola sem partido*. A partir do conceito de *polifonia* – cujos quatro pilares imprescindíveis são a *plurivocalidade* ou *plurivocidade*, a *imiscibilidade*, a *plenivalência* e a *equipolência* – de Mikhail Bakhtin (2013) – almejamos observar se há a equidade dinâmica e interacional necessária à existência de um mínimo nível de imparcialidade, vista aqui como aquele afastamento almejado e defendido pelo âmbito jornalístico – tal qual se prolata no artigo número 12 do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (2007) – e, logo, se a mídia brasileira é, de fato, polifônica.

2 Breve discussão teórica: a Polifonia para Mikhail Bakhtin

Mikhail Bakhtin, ao analisar os romances do escritor russo Fiódor Dostoiévski, considera-o inovador pelo seu caráter constitutivamente dialógico. Debruçando-se sobre as relações entre as personagens romanescas dostoiévskianas, Bakhtin percebeu que, na verdade, tratavam-se de conflitos dialógicos e intensos entre vozes e consciências sem que houvesse a aniquilação ou o silenciamento. A partir daí, o pensador russo passou a compreender que, naquelas obras de Dostoiévski, há uma característica linguístico-discursiva que permite o mais elevado, qualitativamente, grau de dialogismo: a *polifonia*, conceito que desenvolveu em *Problemas da poética de Dostoiévski*.

Diferentemente de outras acepções conceituais, na supracitada obra, o autor dá-nos (a partir da página 4) as quatro características constitutivas de seu conceito de polifonia⁴: a *multiplicidade de vozes*, a qual chamamos de *plurivocalidade* ou *plurivocidade*,

⁴ O conceito de *polifonia*, como se sabe, surgiu na esfera ideológica da música, possuindo como um dos maiores expoentes o compositor alemão, do período barroco, Johann Sebastian Bach (GROUT; PALISCA, 2007, p. 423-475). Bubnova (2011, p. 270), referindo-se ao conceito bakhtiniano, ressalta o seu caráter vinculado à entonação, à música e à musicalidade: “no mundo de Bakhtin, a escrita é privilegiada justamente como um percurso capaz de traduzir a

que se refere à coexistência independente de inúmeras e variadas consciências-vozes; a *imiscibilidade*, que se refere à não objetificação ou reificação de uma ou mais vozes por outra ou por outras, cada qual se mantendo autônoma e numa posição de irreducibilidade, não podendo, portanto, ser miscível em relação à outra; a *plenivalência*, que se refere, por sua vez, à plenitude axiológica e semântica inerente a cada voz, em relação às outras, com as quais mantém uma interação estável e simétrica. Logo, cada voz, por si e em relação com as demais, torna-se capaz de construir sentidos e de fazer uma atribuição axiológica. E, por fim, a *equipolência*, que se refere ao fato de as vozes serem polos irreducíveis, autônomos e distintos, que mantém entre si uma relação de equidade no diálogo.

Segundo Bezerra (2016, p. 192), o que se opõe à polifonia é o *monologismo*, processo segundo o qual, voltando-se para si e a partir de si mesmo, o autor torna-se o “[...] único centro irradiador da consciência, das vozes, imagens e pontos de vista [...]”. Enquanto no processo polifônico de criação (de um enunciado, por exemplo) há, além da multiplicidade e variabilidade de consciências e de vozes em conflito dialógico, a imiscibilidade como princípio absoluto segundo o qual essas mesmas consciências e vozes não se objetificam e, portanto, não se coisificam em relação a uma (em geral, à do autor), há, no *monológico*, a eliminação da isonomia entre as vozes, a *miscibilização* das outras consciências e a sua submissão à do autor; “o outro nunca é outra consciência, é mero *objeto* da consciência de um ‘eu’ que tudo enforma e comanda” (idem).

Na polifonia, ao contrário, o autor, sem deixar de ser o centro organizador, torna-se uma consciência entre as outras que, conjuntamente, compõem a sua obra, uma voz entre as várias que se articulam no *interior* de seu enunciado, consciência-voz que, dialógica e plenivalentemente, interage com as demais sob os princípios da equipolência e da imiscibilidade. O autor se desloca, agora, de sua posição monológica, fundamentando-se na finalidade de representar os conflitos sociais e as inúmeras e distintas realidades de outras consciências-vozes; almeja, dialogicamente, representar os outros posicionamentos ideológicos, isto é, as outras cosmovisões axiológicas sobre

voz humana na medida em que é portadora dos sentidos da existência, preservando de modo específico suas modalidades, que ele caracteriza mediante metáforas relacionadas à voz e à música: polifonia, contraponto, orquestração, palavra a duas vozes, coro, tom, tonalidade, entonação, acento, etc.”. A partir de um movimento dialógico, o conceito de polifonia passou a ser reformulado e utilizado, de diferentes maneiras, por estudiosos e pesquisadores da grande área da Linguística. Entre os vários, citemos Ducrot (1987), autor e teórico da semântica argumentativa, para quem o conceito de polifonia diz respeito apenas à existência de díspares e inúmeras vozes no interior de um determinado enunciado, constituindo-o como uma teia vocal. Ele mesmo, em *O dizer e o dito*, afirma: “minha própria teoria da polifonia, que deve muito aos dois autores [Authier e Plénat] que acabo de citar, visa a construir um quadro geral onde se poderia introduzir sua crítica a Banfield, quadro que constitui ele mesmo, digo-o desde já, uma extensão (*bastante livre*) à linguística dos trabalhos de Bakhtine sobre literatura” (p. 163). Aqui, salientamos que usamos a acepção conceitual de Polifonia de Bakhtin, que, diferindo-se da de Ducrot, possui como pilares, além da *plurivocalidade*, a *imiscibilidade*, a *plenivalência* e a *equipolência*, condições, compreendemos, inelutáveis à instauração da imparcialidade e à objetividade.

o mundo, de maneira imiscível. “A polifonia em sua relação com o diálogo se refere à *orquestração* das vozes em diálogo aberto, sem solução” (BUBNOVA, 2011, p. 275).

Coloca-se o autor, então, sob o enfoque *dialógico*, radicalizando-se na polifonia ao considerar as outras consciências-vozes como posicionamentos equipolentes, plenivalentes e não-reificantes, reconhecendo o outro como “[...] sujeito, outro ‘eu’ investido de iguais direitos no diálogo interativo com os demais falantes, outro eu a quem cabe autorrelevar-se *livremente*” (p. 193).

É essa, precisamente, aquela posição radicalmente nova que transforma o objeto, ou melhor, o homem reificado, em outro sujeito, em outro “eu” que se autorrevela livremente. O autor renuncia àquele enfoque que concebe o homem como objeto e o conclui, que faz dele objeto de seu conhecimento total e definitivo, de seu conhecimento reificante, sob cuja ótica o homem deixa de ser aquele universo único, infinito e inacabável que o é em realidade para si (o “eu para mim”), tornando-se mero objeto da consciência cognoscente em meio a um número infinito de objetos (p. 194).

Em nenhum momento, no interior de um enunciado polifônico, as consciências-vozes representadas são compreendidas e vistas como objetos (não são reificadas). São, antes, sujeitos de seu próprio discurso. A existência da polifonia depende, portanto, “[...] de uma multiplicidade de vozes e consciências *independentes* e *imiscíveis*, vozes *plenivalentes* e consciências *equipolentes*, todas representantes de um determinado de um universo e marcadas pelas peculiaridades desse universo” (p. 194-195, grifo nosso)

Assim, vendo na polifonia bakhtiniana a instauração da possibilidade de condições plausíveis ao surgimento de um mínimo nível de imparcialidade e objetividade, voltamo-nos ao corpus coligido com o intuito de investigar a imódica *refração de sentido*, isto é, o movimento axiológico-semântico de posições discursivo-enunciativas e/ou representações, existente entre os diferentes veículos midiáticos e na mídia brasileira em geral, desejando compreender qual seria a sua relação com a polifonia. Porém, antes de prosseguirmos, esclareçamos que o conceito de *voz* bakhtiniano refere-se ao sujeito do discurso, *ser* do/no mundo, que ocupa uma determinada posição, que, no entanto, só existe e torna-se na e pela sua relação dialógica e interativa com os *outros*, constituídos e mediados nas e pelas linguagens.

3 Metodologia bakhtiniana: o cotejo

O *corpus* analisado compõe-se de publicações, de natureza argumentativa e informativa, de quatro veículos midiáticos distintos e em suporte digital: dois jornais, *Brasil de Fato* e *Folha de São Paulo*, e duas revistas, *Carta Capital* e *Veja*. Do jornal *Brasil de Fato*, analisamos sete publicações, referentes à temática *Escola sem partido*; do jornal *Folha de São Paulo*, foram por nós analisadas nove; da revista *Carta Capital*, sete, assim como da revista *Veja*. O critério utilizado na escolha foi a distinta posição de cada um em relação ao objeto discursivo *Escola sem partido*. Nas análises a serem apresentadas, no entanto, usaremos somente alguns dos diversos exemplares coligidos, uma vez que se configuram como mais apropriados ao desenvolvimento da problemática assumida neste artigo.

No primeiro veículo analisado, a revista *Veja*, identificamos, pelo menos, cinco distintas vozes constitutivas de seu discurso geral voltado ao mote *Escola sem partido*. Na revista *Carta Capital*, encontramos dez diferentes vozes. Nos jornais *Folha de São Paulo* e *Brasil de Fato*, identificamos, respectivamente, vinte e duas e quatorze vozes díspares. Para identificá-las e distingui-las, realizamos, a partir da materialidade semiótica de cada enunciado, uma série de mapeamentos, com a finalidade de identificar as posições axiológicas fundadas sobre o uso de instrumentos ou de mecanismos discursivo-linguísticos. Optamos, para maior esclarecimento de nossa proposta analítica, por utilizar, aqui, como já mencionamos, exemplares nos quais a manifestação das vozes deu-se de modo mais explícito, isto é, por meio do discurso direto ou do indireto.

Antes de continuarmos, queríamos elucidar que o critério metodológico utilizado para a escolha dos enunciados dos veículos midiáticos distintos ancora-se em discussões sobre a epistemologia da metodologia empreendidas por Geraldi (2012, 2014), que, a partir de pressupostos epistemológicos bakhtinianos, fundamenta a sua ideia de *cotejo*, embasando-se, sobretudo, no conceito de *heterociência*⁵.

O cotejamento permite-nos considerar os enunciados como produções axiológico-semânticas, constituídas por aspectos condicionais e situacionais específicos (posição ideológica, sujeitos em relação dialógica, espaço, tempo, história, sociedade etc.), de natureza responsiva (o que é uma característica constitutiva do enunciado); ou seja, um enunciado jamais se encontra isolado como abstração a-histórica e atemporal. Ao contrário, condicionado e situado, formado pela articulação entre o verbal e o extraverbal, pertencente a sujeitos e constituído em e por relações dialógicas, o enunciado se insere, inelutavelmente, em uma cadeia enunciativa, na qual estabelece relações constitutivas e reguladoras com outros enunciados, retomando-os e os suscitando. Ao mesmo tempo, coloca-se em uma articulação temporal, tornando-se uma manifestação semioticamente concreta da e na história. Nas palavras de Geraldi (2014, p. 18),

Dar contextos a um texto é **cotejá-lo com outros textos**, recuperando parcialmente a cadeia infinita de enunciados a que o texto responde, a que se contrapõe, com quem concorda, com quem polemiza, que vozes estão aí sem que se explicitem porque houve esquecimento da origem.

A escolha, portanto, dos enunciados que analisamos fundamentou-se em nossa compreensão ativo-responsiva de entendê-los como, para além de sua materialidade semiótica, posições axiológico-semânticas que se interpenetram, constitutiva e reguladoramente, de maneira dialógica e responsiva, inseridas em condições espaciais e temporais únicas e situações históricas e sociais específicas. Assim, vimos e vemos que

a contextualização do enunciado é essencial porque todo enunciado “reflete uma realidade extraverbal”. Se na conversa cotidiana importa encontrar nestes

⁵ O conceito de *heterociência* encontra-se mencionado em algumas obras de Bakhtin e, em especial, mais definido em *Metodologia das ciências humanas*, em *Estética da criação verbal* (2011).

contextos os elementos não ditos, mas presentes no horizonte comum dos interlocutores para poder dar sentido aos enunciados, na interpretação a profundidade da penetração dependerá crucialmente dos elementos de especificação do contexto e dos com-textos com que o analista faz o texto dialogar. A compreensão ativo-dialógica implica na não submissão à palavra do outro, de que se toma distância para dar espaço às contrapalavras necessárias à compreensão e à análise. Aqui entram o comentário, o juízo de valor, a produtividade dos conceitos presentes no texto para outros contextos, etc. (idem).

O caráter analítico e especulativo de nossa pesquisa, então, não se afasta de sua constituição interpretativa, no sentido de que “interpretar é construir um sentido para um discurso, para um texto, e a validade desta interpretação se mede por sua profundidade e pela consistência e coerência de seus argumentos” (p. 19). Portanto, entendemos que

o aprofundamento do empreendimento interpretativo resulta da *ampliação do contexto*, fazendo emergirem mais vozes do que aquelas que são evidentes na superfície discursiva. Não para enxergar nestas vozes a fonte do dizer, mas para fazer dialogarem diferentes textos, diferentes vozes. O múltiplo como necessário à compreensão do enunciado, em si único e irrepetível. A unicidade se deixa penetrar pela multiplicidade. Cotejar textos é a única forma de desvendar os sentidos (p. 16).

4 Discussão analítica

Seja por meio do discurso direto, seja por meio do indireto, as vozes dos outros, às quais nos atemos, manifestam-se, no material analisado, por meio, principalmente, de citações. Sobre isso, Volóchinov (2017, p. 249), em *Marxismo e filosofia da linguagem*, afirma que “o ‘discurso alheio’ é o discurso dentro do discurso, o enunciado dentro do enunciado, mas ao mesmo tempo também o discurso sobre o discurso, o enunciado sobre o enunciado”. Ou seja, o discurso alheio ou citado é a nítida representação semiótico-verbal de vozes de sujeitos distintos, ou, dito de outro modo, é a materialização por meio de e em signos de suas posições no mundo, constituídas no processo de interação social, inseridas em um dado contexto enunciativo ou narrativo, que as retoma, estabelecendo, assim, o *dialogismo*, seja no consenso, seja no dissenso. Entretanto, para além disso, o discurso alheio citado revela-nos a característica dialógica, também, daquele que o cita e desloca-o para um diferente contexto enunciativo ou narrativo, sendo o discurso que o cita o *discurso sobre o discurso*, tornando o alheio citado, de maneira constitutivamente dialógica, fundamento ou objeto discursivo de seu próprio discurso-enunciado. É o que veremos, a seguir, nas análises que realizamos.

Na primeira publicação analisada da revista *Veja*, cujo título é “*Diarreia verbal*” da esquerda contra Escola Sem Partido só confirma tese do projeto, deparamo-nos já com a presença de duas distintas vozes por meio da citação de seus enunciados. A primeira manifesta-se no seguinte contexto: “Deputado Rogério Marinho (PSDB-RN) defendeu na terça-feira (12) o projeto Escola Sem Partido contra a ‘**diarreia verbal**’ do senador

‘fascista’ Roberto Requião (PMDB-PR)” (p. 6, grifo nosso). A segunda citação dá-se no seguinte segmento: “Requião, o mais petista dos peemedebistas, com toda a sua delicadeza e o seu respeito a quem pensa diferente, havia atacado a iniciativa como ‘coisa de filho da puta’” (p. 6, grifo nosso).

Esses exemplos nos fornecem já a possibilidade para que nos indagemos sobre como são usadas as vozes em destaque e qual a relação comportamental e interacional que possam manter com as demais. Parece-nos evidente que, distintamente do que ocorre na interação dialógica e polifônica, em que há a *equidade imiscível e plenivalente da simetria*, em ambos, há a sobreposição de uma voz, identificada como hegemônica e objetificadora, que é a da própria revista. As vozes, aqui, são usadas como suporte-fundamentos⁶, mas, também, sobretudo no segundo exemplo, como escopo da voz-reificadora⁷, como acontece na *polêmica aberta*, que, segundo Bakhtin (2013), em *Problemas da poética de Dostoiévski*, “está simplesmente orientada para o discurso refutável do outro, que é o seu objeto” (p. 224).

Na terceira publicação analisada da revista *Carta Capital*, *Escola Sem Partido é o oposto de educação democrática, dizem professores paulistas*, encontramos a ocorrência do mesmo processo de referência, sutilmente objetificadora, à voz do outro a partir do discurso direto:

para a professora Conceição Fornasari, diretora da Fepesp e do Sinpro Campinas, o projeto preocupa por representar um enorme retrocesso. **“Acho que o nome mais apropriado para o Escola Sem Partido é ‘escola com mordaza. Porque aprender não é ler e repetir. A leitura que a escola precisa fazer do mundo seja por meio de uma disciplina de humanas ou de exatas é uma leitura crítica. E como você alcança isso? Através do debate. E se o debate**

⁶ Durante as nossas análises, sentimos a necessidade epistemológica de “criar” categorias conceituais que nos permitissem, minimamente, nomear os processos de utilização das vozes no material analisado. O de *suporte-fundamento* se ancora, substancialmente, nas discussões sobre a polifonia e, conseqüentemente, sobre os processos de objetificação ou reificação realizadas, em especial, por Paulo Bezerra (2016, p. 191-200). Basicamente, percebemos a existência de dois processos objetificantes ou reificantes: o primeiro, já mencionado, é o de uso da voz alheia, seja pelo discurso direto, seja pelo indireto, como *objeto-suporte-fundamento*, cuja finalidade, em um determinado enunciado, é a de servir para conceder autonomia e legitimidade à *voz-reificadora*, “sacrificando” a sua própria equipolência, a sua imiscibilidade e a sua isonomia. O segundo é aquele por meio do qual a voz do outro é diretamente compreendida como *objeto discursivo*, ou seja, torna-se o escopo da voz-reificadora, que a objetiva com a finalidade, ideologicamente fundamentada, de reduzir a sua autonomia e a sua legitimidade, fazendo com que se emerja uma visível assimetria axiológica entre ambas as vozes. Ambos os processos podem ocorrer, segundo a nossa compreensão, por meio tanto da *polêmica velada* quanto da *aberta* (ver p. 224 de *Problemas da poética de Dostoiévski*). Os dois processos dão-se por meio de uma gradual imposição e de um relativo silenciamento.

⁷ *Voz-reificadora* foi a denominação conceitual que damos à voz que, como eixo basilar e central, exerce o ato/processo centrípeto de *monologização* (ver a sessão *Discussão teórica*) discursiva (em seu intrínseco, porém, possui fundamento dialógico), reificando as demais vozes, impositiva e *silenciativamente* (no sentido de que estabelece o ato/processo de silenciamento). No material analisado, a objetificação ocorre por meio dos dois processos descritos na nota anterior.

é proibido a educação vai naquele rumo que tanto combatemos, que é a educação para robôs e não para seres humanos em sua totalidade” (p. 1, grifo nosso).

Percebamos que o complexo processo de reificação não pode, superficialmente, ser compreendido. Para além (ou aquém?) de apenas uma manifestação do discurso direto alheio (a parte grifada acima), podemos compreender o seu uso por uma voz determinada, que se sobrepõe, de maneira implícita, às outras, sejam as ausentes, sejam as presentes. A marcação da posição ideológica da revista se evidencia, em nosso entendimento, ao afirmar que “[...] o projeto preocupa por representar um *enorme retrocesso*” (grifo nosso). Vemos que, no interior do sintagma nominal *um enorme retrocesso*, houve um deslocamento de seu modificador (que, geralmente, é posposto ao núcleo nominal) para a posição preposta, o que lhe concede uma intensa carga enfático-semântica. Há, aqui, a afirmação e, concomitantemente, a constituição da posição axiológica da revista, que se eclode, sutilmente, na materialidade semiótica do fragmento analisado.

Em seguida, há a colocação, por meio direto, da voz do outro, que se enuncia contra o aludido projeto, estabelecendo uma relação de concordância com o posicionamento da anterior, a da própria revista. Ambas as vozes, no interior de e sobre um mesmo objeto discursivo, estabelecem uma relação dialógica. Porém, o que observamos é uma profunda assimetria constitutiva da sua interação: uma não está em equipolência e em plenivalência em relação à outra, devido, justamente, à ausência de imiscibilidade. A voz da revista utiliza-se da do outro como um suporte-fundamento no interior mesmo do objeto discursivo (*polêmica velada*, já referida anteriormente), com a finalidade de angariar, para si, autonomia e legitimidade. Logo, a voz do outro, inserida na unidade enunciativa, passa por um processo de reificação, tornando-se um objeto sobre o qual se coloca a da própria revista, o que elimina a possibilidade de ocorrência de polifonia, já que não há imiscibilidade e isonomia entre as vozes (o que nos leva, conseqüentemente, a compreender que não são axiologicamente simétricas).

No jornal *Brasil de Fato*, analisamos a presença da citação direta do dizer de um outro, isto é, da manifestação direta da voz do outro. Como exemplo, citemos a segunda publicação do veículo analisada por nós, denominada *“Projeto Escola Sem Partido é uma ode ao atraso”*, diz professor:

Ele está colhendo assinaturas para a criação de uma frente parlamentar que possa aglutinar deputados interessados em se opor a projetos que restrinjam direitos. **“Nós temos que ampliar esse movimento dentro da Câmara, mas estou certo também de que precisamos de iniciativas que extrapolem os muros da Casa, para poder dar resultado. Precisamos lutar contra essa política de restrição de direitos que estão querendo implementar”**, disse (p. 4, grifo nosso).

De maneira semelhante ao que ocorreu no exemplo anterior, mas de modo mais sutil, deparamo-nos, aqui, com o uso objetificante de uma voz (a inserida diretamente) pela outra (a do próprio jornal) ao utilizá-la como suporte corroborativo de seu posicionamento, o que se dá sub-repticiamente. Mesmo que as relações que se

estabelecem entre as suas vozes sejam de natureza constitutivamente dialógica, a imiscibilidade é ruída pela utilização da segunda voz como suporte-fundamento, o que implica, de modo inevitável, a fundação de uma assimetria entre ambas. Logo, torna-se possível que afirmemos que haja, na constituição daquele enunciado, apenas uma relação entre as vozes, isto é, uma plurivocidade ou plurivocalidade, mas não uma polifonia nos termos cunhados por Bakhtin. Esse processo de reificação, citando Bezerra (2016, p. 192),

descarta o outro como entidade viva, falante e veiculadora das múltiplas facetas da realidade social e, assim procedendo, coisifica em certa medida toda a realidade e cria um modelo monológico de universo mudo, inerte. Pretende ser a *última palavra*.

No jornal *Folha de São Paulo*, na publicação intitulada *Vã tentativa de abater Escola sem Partido*, vemos a existência de díspares vozes em relação dialogicamente assimétrica. Como exemplo, citemos a seguinte:

no artigo “Escola deve ser sem partido mas também sem igreja”, Demétrio Magnoli só acerta no título e na constatação **de que o sistema de ensino foi sequestrado por partidos, organizações e professores de esquerda. Erra em tudo mais** (p. 1, grifo nosso).

A voz, nesse excerto, foi inserida por meio do discurso indireto em “cujos modelos se expressa a tendência da percepção ativa do discurso alheio. Cada modelo tem o seu próprio modo criativo de reelaborar o enunciado alheio em uma direção, particular somente a ele” (VOLOCHÍNOV, 2017, p. 268). No caso em questão, ao voltarmos-nos à parte destacada, percebemos o uso reconfigurado e recriado, semioticamente, da voz de um outro, inserida, aqui, não como suporte-fundamento, mas, sim, como escopo discursivo da voz-reificadora, isto é, a voz de Magnoli insere-se no enunciado de maneira reificada, tornando-se coisa ou objeto do discurso através da já aludida polêmica velada. Ambas as vozes entram em conflito no interior de um objeto, sendo que uma se torna alvo objetificado do discurso de outra. Aqui, ambas não estão em relação simetricamente equipolente e plenivalente, diferindo-se do que ocorre na polifonia na qual, segundo Bezerra (2016, p. 195), as “vozes possuem independência excepcional na estrutura da obra, é como se soassem ao lado da palavra do autor, combinando-se com ela [...]”.

Por fim, nos três últimos exemplos analisados e mostrados, ressaltamos, o que percebemos foi que as vozes são reduzidas e se tornam, logo, porta-vozes ou suporte semiótico-ideológico e discursivo de uma, ou, ainda, escopo reificado do discurso da voz-reificadora – a do próprio veículo midiático. Não há, portanto, imiscibilidade devido ao constante processo de reificação da voz do *outrem*, seja usando-a como suporte-fundamento, seja tornando-a alvo de seu discurso, seja ainda a negando e a buscando silenciar.

Diferentemente do que acontece na polifonia, as vozes são utilizadas por uma apenas como meio através do qual a voz-reificadora possa alcançar expressão autêntica, isto é, são usadas como meio para um fim. As vozes, destarte, assim como as

ideias que as constituem e as quais materializam, são somente usadas como fundamento ilustrativo ou como objetos do discurso, sendo impedidas de manter a sua autenticidade e a sua autonomia e, por isso, não há, no material analisado, aquela oposição contrapontística característica à polifonia bakhtiniana.

A possuir como pressuposto epistemológico, propulsor e basilar, o conceito de polifonia de Bakhtin, ampliando-o consideravelmente (para além do âmbito literário), durante a análise proposta e já aludida, observamos que: primeiro, a relação que fundamenta a existência da necessidade sócio-comunicativa-informativa dos veículos midiáticos analisados – assim como dos demais, entendemos – é de natureza, inelutável e indiscutivelmente, dialógica; segundo, devido à sua natureza, entendemos que é, logo, na e pela interação semiótico-social entre as variadas e díspares vozes que se estabelece a rede sociodiscursiva imanente ao processo dialogicamente constitutivo da voz de cada veículo propriamente dito; terceiro, a percebida inexistência da polifonia no material analisado é consequência da ausência da imiscibilidade, mesmo havendo a presença da plurivocalidade, que, sozinha, é incapaz de fundamentar a polifonia como a entendemos; quarto e último, a exacerbada refração de sentido, nitidamente percebida e sentida pode ser vista e compreendida como um efeito da inexistência da polifonia, o que nos revela que, não havendo a imiscibilidade e a equipolência, a isonomia plenivalente e o mesmo equilíbrio axiológico-semântico entre as vozes dialogicamente constitutivas do discurso da mídia brasileira, há, por parte dos veículos midiáticos analisados, um posicionamento ideológico evidente (ou seja, constituição de sua parcialidade e de sua não objetividade) quando se dirigem a temáticas específicas ou a objetos discursivos precisos, o que nos é visível, sobretudo, nos seus diversos enunciados, levando-nos à contestação da assertiva segundo a qual, no âmbito jornalístico, deve haver primazia da imparcialidade, conforme orientação do artigo número 12 do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros.

Assim sendo, diante de nossas análises, entendemos que o conceito de polifonia de Bakhtin, expandido para além do âmbito literário, é um considerável e relevante instrumento analítico, que nos possibilita a criação de estratégias de análises e de leituras importantes à nossa formação como leitores autônomos e críticos – o que podemos realizar por meio do questionamento contínuo daquilo que nos é dado pelos diversos veículos midiáticos – e à nossa compreensão como sujeitos em processo constante de constituição na e pela interação com os outros, no e por meio de língua(gem).

5 Considerações últimas

Nossas análises, que almejam avaliar a existência de um maior ou menor grau de imparcialidade dentro do âmbito jornalístico brasileiro, representado pelo *corpus* reunido, permitem perceber que a ausência da polifonia, cuja causa é a inexistência da imiscibilidade, não nos autoriza asseverar que seja sustentável uma condição minimamente imparcial ou objetiva no *corpus* analisado, já que a relação polifônica seria responsável pela equidade semântico-discursiva e pela valência simétrica amplamente axiológica entre as vozes dialogicamente constitutivas de qualquer discurso ou diálogo que busque se fundamentar em ambos os pressupostos.

Compreendemos, também, que, por não haver polifonia, segundo o posicionamento epistemológico de Bakhtin, há a marcação explícita da constituição da posição ideológica dos veículos analisados, o que pode constituir-se em fator exacerbador da refração de sentido percebida sobre um mesmo objeto discursivo. A refração, destarte, pode ser entendida, nesses casos específicos, como o fenômeno consequente do deslocamento ou do movimento – atenuado pela ausência da relação equitativa, relativamente simétrica e polifônica – de posições, sentidos e valores de e sobre uma mesma temática ou um mesmo objeto discursivo, posições essas que recuperam lugares sociais dialogicamente, com os quais sempre se relacionam e a partir dos quais se constituem nos e por meio dos sujeitos em processo ininterrupto de interação. Em outras palavras, a não-polifonia observada instaura a parcialidade, a não-objetividade e a maior marcação dos posicionamentos ideológicos dos veículos midiáticos analisados, posicionamentos que se manifestam, de modo mais exacerbado, na e pela refração de sentido percebida.⁸

Assim sendo, concluímos, mesmo que parcialmente, que, como qualquer discurso/enunciado, havendo posicionamento marcadamente ideológico, a fundação da parcialidade e da não objetividade, consequência da ausência da polifonia, torna-se impossível que a mídia brasileira, nesse material recolhido e analisado dos veículos midiáticos referidos, possa ser caracterizada como, absoluta ou amplamente, imparcial e objetiva, o que se contrapõe ao artigo número 12 do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (que pressupõe a imparcialidade e a objetividade). Portanto, podemos entender que a alegação da imparcialidade pelo âmbito jornalístico é um mecanismo discursivo e, logo, sócio-ideológico de fazer parecer que exista.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. Metodologia das ciências humanas. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011, p. 393-410.

_____. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2013.

⁸ Compreendemos que existem discussões que se voltam à análise da influência dos meios digitais na constituição do discurso, seja qual for. Entretanto, aqui, para a nossa pesquisa, entendemos que a existência ou não de polifonia, como possibilidade de instauração da imparcialidade e da objetividade, independe do meio digital. Em primeiro, a partir de nosso posicionamento epistemológico, qualquer enunciado produz-se a partir de uma posição ideológica (e, portanto, não há como existirem enunciados imparciais). Em segundo, qualquer enunciado jornalístico constitui-se dentro de uma determinada esfera e de um dado veículo, que possui, como sabemos, uma linha editorial, o que reforça ainda mais a impossibilidade da imparcialidade. Logo, isso independe de estar ou não no meio digital.

BEZERRA, Paulo. Polifonia. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2016, p. 191-200.

BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016, p. 9-31.

BUBNOVA, Tatiana. Voz, sentido e diálogo em Bakhtin. *Bakhtiniana*, São Paulo, 6 (1): 268-280, Ago/Dez 2011.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS (FENAJ). *Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros*. Vitória, 2007. Disponível em: <http://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2018.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

GERALDI, João. *Da língua para a linguagem: outros rumos de pesquisa*. Recife, 2014. (Mimeo.).

_____. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. In: *Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012. p. 19-39.

GRILLO, Sheila; AMÉRICO, Ekaterina Vólkova. Glossário. In: VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2017, p. 353-367.

GROUT, Donald; PALISCA, Claude. *História da música ocidental*. Tradução de Ana Luísa Faria. 5. ed. Lisboa: Gradiva, 2007, p. 423-475.

MOURA, Felipe. "Diarreia verbal" da esquerda contra Escola Sem Partido só confirma tese do projeto. *Veja.com*, online, São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/felipe-moura-brasil/8220-diarreia-verbal-8221-da-esquerda-contra-escola-sem-partido-so-confirma-tese-do-projeto/>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

NAGIB, Miguel. Vã tentativa de abater Escola sem Partido. *Folha de São Paulo*, online, São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2016/08/1804602-va-tentativa-de-abater-a-escola-sem-partido.shtml>>. Acesso em: 22 jun 2018.

PAIVA, Thaís. Escola Sem Partido é o oposto de educação democrática, dizem professores paulistas. *Carta Capital*, online, 2016. Disponível em:

<<http://www.cartaeducacao.com.br/reportagens/escola-sem-partido-e-o-oposto-de-educacao-democratica-dizem-professores-paulistas/>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

PONZIO, Augusto; CALEFATO, Patrizia; PETRILLI, Susan. *Fundamentos de filosofia da linguagem*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2007.

SAMPAIO, Cristiane. “Projeto Escola Sem Partido é uma ode ao atraso”, diz professor. *Brasil de Fato*, online, Brasília, 2016. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2016/07/18/projeto-escola-sem-partido-e-uma-ode-ao-atraso-diz-professor/>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

SANTOS, Sonia. Pêcheux. In: OLIVEIRA, Luciano (Org.). *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013, p. 209-233.

SILVA, Adriana. Bakhtin. In: OLIVEIRA, Luciano (Org.). *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013, p. 45-69.

SOBRAL, Adail. Ato/atividade e evento. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2016, p. 11-36.

VILLARTA-NEDER, Marco Antonio. *Língua, linguagem e discurso: noções introdutórias*. Lavras, 2010. (Mimeo.).

_____. Sobre silêncio e sentidos: uma abordagem bakhtiniana. In: STAFUZZA, Grenissa; AYUB, João Paulo (Orgs.) *Estudos discursivos em múltiplas perspectivas: discurso, sujeito, sociedade*. CAPES/FAPEG. Campinas: Mercado das Letras, 2018.

VOLOCHÍNOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2017.